

TODO ESSE AMOR QUE INVENTAMOS PARA NÓS



*Todo esse amor  
que inventamos para nós*

*Raimundo Neto*

PRÊMIO PARANÁ DE LITERATURA 2018 – CONTOS

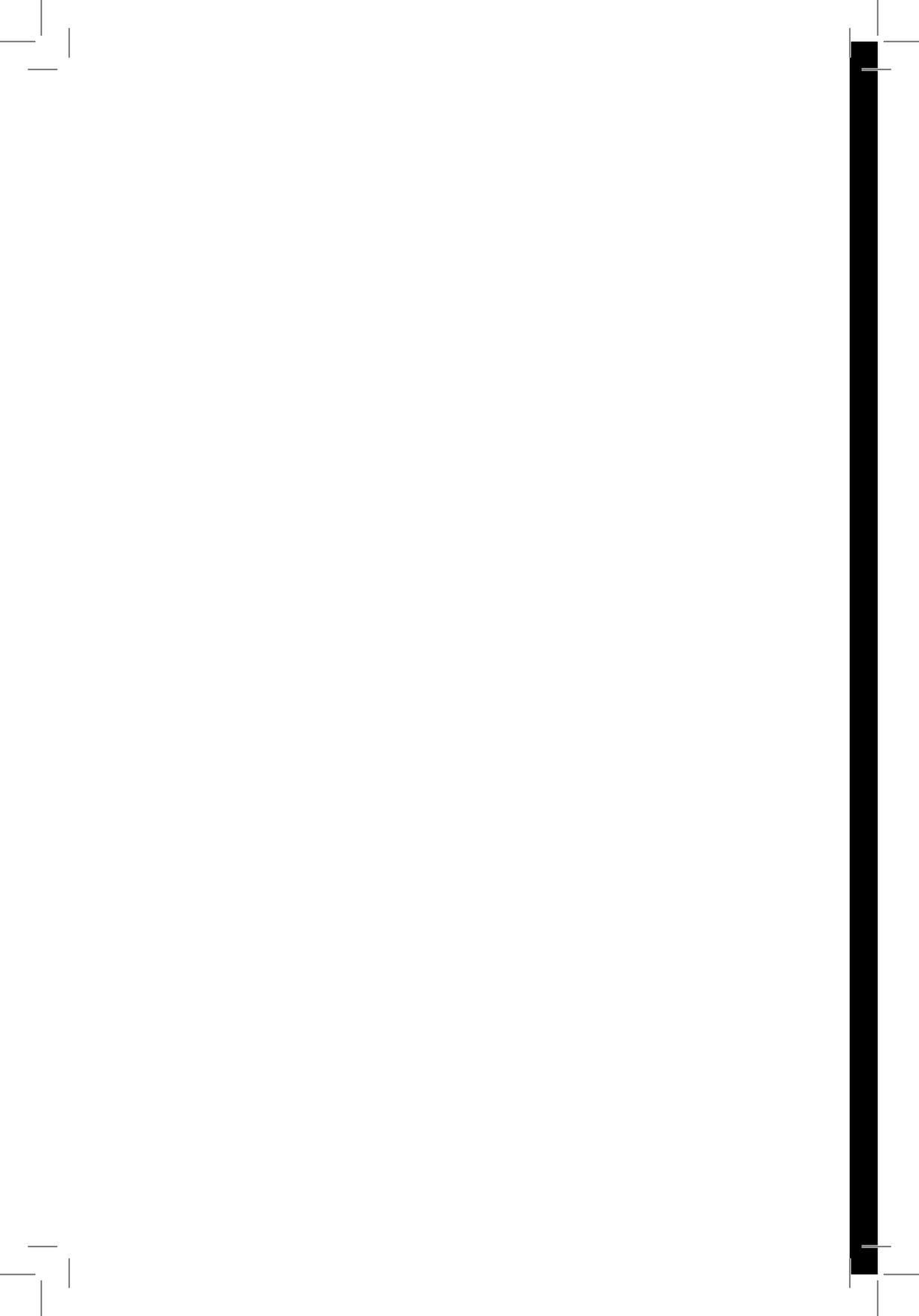


## SUMÁRIO

- 11 Nós, a casa
- 12 Todo esse amor que inventamos para nós
- 20 A tia de Lalinha
- 24 Comecei a morrer na boca de Helena
- 29 Os primeiros olhos
- 34 Casa de boneca
- 41 O dia em que engoli o primeiro homem
- 48 A noiva
- 52 Maquiada
- 53 A superfície da palavra
- 56 Portas abertas, morar sozinho
- 61 Nunca dissemos eu te amo
- 66 Tinta fresca
- 70 A casa interrompida
- 77 Como é que ele sabe tão cedo que meu corpo é um perigo?
- 84 Você entende o que quero dizer quando falo sobre o medo?
- 91 No coração do meu pai, um amor ruindo em perdões
- 99 Morar no céu
- 103 Nascemos nos braços velhos da casa
- 104 Os tropeços foram os menores golpes
- 106 A herança da casa
- 108 A morte não para de acontecer
- 113 A vida que sobrou foi tudo aquilo que desisti
- 120 O coração como lugar de descanso
- 127 O tempo perdido no corpo de Lázaro
- 133 A saudade também é uma oração
- 137 Não resta nem humilhação num corpo sem nome
- 139 Caminho feito homem
- 141 Bendito seja o amor do filho
- 144 A última casa



“Todo um passado vem viver, pelo sonho, numa casa nova.”  
*A poética do espaço, Gaston Bachelard*



## Cumeeira e céu

“Mais do que todo o resto, é ele próprio, seu corpo (...),  
sua maior e mais importante transgressão.”

*A um passo, Elvira Vigna.*

“Agora, depois de viver todos esses anos do seu lado e  
observar a máquina que é a sua mente produzir  
uma arte de pura excentricidade (...),  
não tenho mais certeza de quem se sente mais em casa  
e mais livre no mundo: eu ou você.”

*Argonautas, Maggie Nelson.*



## *Nós, a casa*

As casas, aqui, nunca foram alvas. Nunca estiveram limpas e reluzentes. As casas, aqui, nunca apresentaram paredes intactas. Nessas casas, silêncio ferido. Nessas casas sempre houve segredo. Nas casas, aqui, as sombras arrastam-se passado adentro, afundam-se nas raízes do que sempre fomos, e nos impede de fugir mesmo de portas abertas, afundam-se nas raízes do que sempre fomos, caímos em recuos, recantos, partidas apenas para rachar-nos. As casas, aqui, não se elevam unânimes e veementes, e sorrisos derrubando os rebocos que gravitam no corpo, como máscaras. As casas, essas casas, somos um amontoado de fingimentos e esperas, os corpos gritando suplícios. Nessas casas, aqui, nenhuma saída. Nessas casas, o que somos, nessas casas, embrenha-se no nascimento de todas as outras e fere nossos modos de porta a fora escapar. Nessas casas, aqui, somos. As nossas casas, somos o que nasce e não escapa, até que soterremos os caminhos que nos levariam além, aqui. As casas nasceram em nós de portas abertas.

## *Todo esse amor que inventamos para nós*

A criança nasceu no sonho, e sabia tão sua que não entendia se menino ou menina. O choro da criança desabava-lhe o mundo, de quando lhe cobria o corpo o nome Antônio. Os gritos da criança engolidos de lágrimas indecifráveis tentavam romper as camadas generosas do sonho onde ela não queria deixar de ser. Era no sonho que ela vivia todo dia mulher, armada de cansada coragem, o vestido brando eriçando a tranquilidade dos nãos que ela nunca mais ousou dizer: tapas, não; xingamentos, não; pontapés, não; as cuspidas ríspidas, não; os olhares ensimesmados de viés, não; a mãe dizendo puta, o pai gemendo filho imundo, e todos os homens que Pensei que tu fosse mulher, sua vagabunda, seu viado fodido.

E a criança nasceu nos olhos abertos da mulher que sonhava.

A noite do dia que a criança sonhada nasceu foi o dia em que foi mais mulher, ela disse, na esquina da rua coberta de frio e aspereza, os pés desconfortavelmente empenhados no corpo, quase armados num movimento de avançar para o próximo carro e sua porta de janelas abaixa-levanta-oi-quanto-é-pra-mamar-e-gozar-na-boca. E ela fixava a lembrança inutilizada toda dormida na palavra mamar e a criança sonhada quase acordando e chamando papai e ela dizendo É mamãe. Ela via o homem passar a língua sebenta nos lábios-sarjeta e só sentia a boca inventada da criança pedindo mamar e o peito dela, os seios, costurados rasgados, duzentos e vinte mililitros caprichados, cobro cenção pra tu chupar, e agora uma criança e essa oralidade toda possível precisando se alimentar. Se for

mesmo assim, eu vou fazer o quê? Que eu quero ser mãe e meu nome escrito é Antônio?, mas quando me beijam e enfiam a língua ofendida em qualquer buraco meu e me chama de Sthefany, tudo ipisilon e agá, como uma mulher famosa que tem dois filhos e não geme na cama de homem nenhum porque precisa viver.

Vão dizer que vou matar a criança, se eu disser que a quero como filha. Vão querer saber a história, a triangulação da base à pica entre o pai e a mãe, os meus, vão me ver chorar e borrar a máscara, o rímel escorrer enlaçado ao que desce seco de saliva e raiva, vão me ouvir a voz sacudida, vibrando em ondas do homem que nunca quis em mim, aquele som de caverna esvaziada, inexplorada, e fogueira apagada há milênios; vão perguntar E de onde vem essa ideia enviesada de ser mãe, e imaginar o que existe entre uma perna e outra e os meus seios apontando a direção de um sacrifício qualquer e as marcas de ontem, de anteontem, de todos os anos em que qualquer homem que mastigou meu corpo resolveu deixar na pele e muitas vezes nos ossos: dezesseis pinos no rosto. E eles vão anotar, vão dizer que precisarão visitar a minha casa, vão conhecer a Kelly, a Jennifer, a Louise e a Patrícia, divisoras e dividendos portentosas da casa-quarto-cozinha-e-área-de-lazer-e-um-cachorro-vira-lata e vão perguntar são seus parentes? São sim, mas são só amigas. E vão escrever que eu não posso ser mãe, e os olhos pintados e o vestido atarachado, o salto bem fino alto e a voz enroscada nos pelos que pararam de crescer, e cadê o que dentro faz nascer a criança e está seco porque é assim que todas as mulheres vêm aqui, e eles não nascem, os filhos, e por isso nós.

Vão dizer não, eu não posso ser mãe se eu for sempre Antônio.

Perguntarão pelos caminhos do meu pai, a cor dos olhos e da pele, e vou dizer que é cor de raiva quando embrutece até sangrar, e perguntar se minha mãe não é mais morta, se outras mulheres da família são como eu, são mulheres como eu, com essa forma impossível de existência abismada e hematomas sagrados, pois foram os homens da igreja que juntaram-se em um bando de bênçãos e tentaram converter meu corpo, e eu quase passei para outro corpo diferente, retorcido, mutilado. Isso é que é milagre? Então foi tudo bendito. Eu não aceito, mas vou fugir pra onde?

Vão estremecer os corpos sem decotes, os corpos inseguros diante do meu, vestidos disfarçados quase parecidos ao que elas dizem que nasceram para ser; toneladas de luz do dia soterrando meu corpo arregimentado em camadas de Samanthas e Jéssicas, as donas da esquina, negaram os pais e irmãos que chutavam Sua desgraçada para fora do quarto, para fora da sala, para longe da casa, do bairro, da cidade, país das nascenças às vezes ficou para trás, silicone neon estourando nos lábios ver-me-lhos deslizando para dentro e para fora, o gozo quebrado ao meio de quem inventa homem frágil e mulher livre.

Carrego uma bomba, suculenta, com cheiro de algum tipo de fruta estragada em processo de impossível imundo, cai não cai, cheiro de algum tipo de cadela possuída, uivando para a lua redonda e cínica; uma bomba prestes a explodir e levar para o fim dos tempos primeiros as crianças, depois as mulheres que não nos cercam e, por último, todos os homens. Eles pensam: É tocar naquele corpo travado na esquina (trevo intacto de tanta sorte que ainda não morreu hoje) que Vamos nos transformar, a pele descascar ou rachar fissuras escamas cada pedaço decente e ser pecado, queimar sob a língua do diabo virar

fiapos do que era para ser milagre; elas vêm, as esposas, e, vêm para olhar de perto, o rabo dos olhos rebolando para espantar os mosquitos da dúvida, sabe rabo de qualquer bicho afastando mosca para longe do cu sujo?, são elas, e os olhos; eles não, os maridos, misturam saliva no pau da gente, mas Não você é só uma vagabunda, vagabundo, bicha, bicho, só isso, não é mulher no teu corpo, e lambem, depois cospem tudo.

O batom escorrega vermelho pela pele do peito que vive na minha boca. Retoco tantas vezes no longo caminho do dia. Toda lembrança que inflama meus olhos mantém-se lisa acumulada nas mãos cuidadas distantes de vibratos assustados que se defendem à noite, e agarram troncos e contorcem-se pelas intimidades dos pelos tão sujos muitos deles, e seguram os rugidos sebentos dos machos com destreza, e o batom ensina a boca a cantar bom dia e receber todo tipo de palavra retorcida de surpresa e raiva. Pode destilar, mas custa caro. Avanço, matreira, a imponência de uma sombra de um bicho, fêmeo, ligeiro. Entro. É dia ainda. Compro pão, manteiga, observo os rótulos dos enlatados com as unhas afiadas de olhos que sabem o engodo vendido, muito sódio e saturados lipídios, todos, compro os integrais, e os cremes para acalmar a velhice distante das mãos, algodão, vinagre-maçã, frutas também, mamão e intestino preso, cebola picar miudinho, pepino verde grosso e depois congelado sobre os olhos. Saio, volto, todo dia o batom insiste na gentileza de abrir os vazios dos peitos, dois caríssimos, tenho pagado com o pau, e valem. E mais: sair para comprar tudo e ganhar sussurros desquitados de humanidade: bicha, bicho, pensa que é gente só porque usa batom.

E eles nem viram o tamanho da minha coragem.

Eu escrevia tudo errado, e certo, num caderno antigo que a mãe, a minha, não escrevia, não aprendeu a dizer para o pai que não aguentava mais a voz pacata escondida na cozinha. Eu escrevia uns poeminhas e ela rezava seus desesperos. Eu escrevia pedidos, perdida, ela não sabia a única saída da casa que me cabia, e cabia eu e meus três irmãos, sobre mim, as mãos engolidas na minha boca, torcendo as inflamações do peito. Eu escrevia sem dizer nenhum grito para não assustar a mãe que não sabia dar um pio. A mãe, a minha, morreu depois que o ventre pariu o Antônio que ela nunca quis filha.

Se eu me apaixonar, *não é mulher*. Se eu me apaixonar, *não é mãe*. Se eu me apaixonar, não tem família. Se eu me apaixonar, bicha. Se eu me apaixonar, as manchas trepadas sobre o corpo, dos golpes mortos. Se eu me apaixonar, quantas quedas escorregam dos saltos quando digo Não aperta meu braço, seu merda. Se eu me apaixonar, pecado no corpo dilatado improvável, os golpes vêm e eu ainda não sei pedir socorro.

O frio esparramava-se violento fora de nós. Amontoadas numa família forjada. A minha mãe agora é Sara, João. Saí de casa escorraçada, a rua encolhendo os passos que escorregavam sangrando, abertos em todo tipo de perdição. Sara, João, enaltecida numa das esquinas, um altar de praga brocha e oração forte, aos berros, expulsando violência a noite inteira. Foi ela que disse Tem onde ficar não, filha?, e já foi me dizendo para ficar. Quando eu vi, Sara, João, estirada lambuzada no sangue escapado litro e meio na rua (oito tiros e os olhos engolindo o tamanho inteiro da lua), fiquei cheia de pergunta ferida: Como é que escapa de uma mulher dessas todo esse amor que inventamos para nós na casa? Porque João era nossa

mãe, mãe de todas, porque nossas mães (as células broto sangue vibrando reconhecimento e herança) e nossos pais nos chamavam desgraçados de porta afora, de mundo a fora, nunca mais voltar.

Manu chegou toda tectônica nas palavras, depois que aprendeu quase tudo sobre terremotos, geografia, não perde um dia na escola. Ao pedir socorro não sabe onde tem açúcar, e quer; não sabe onde tem sabão, e urgente; tia, ela diz, cadê minha mãe, e chora. Marta fugiu, eu digo, tua mãe precisou ir, filha. Filha? Os braços tontos não demoram mais de dois minutos sem pedir chão firme depois de exaurir os ombros, o coração avança para o choro sem fome e desperta vizinhos. Saio sempre às nove, a madrugada enxugando os cabelos do tempo para eu saber que hoje há risco de novo. Manu e seus oito anos sabem que volto abraçada ao sol, luminosamente embrulhada em tristeza. Tia, mãe, ela engasga, ri tesa, fica parada e engole fundo outra vez o medo. Ela pedia colo nos peitos pesados e agarrava-se desde os quatro anos, quando veio morar aqui. Manu, filha, menina, entalo de surpresa até hoje, fecha a porta, esconde a chave e não deixa ninguém chegar dentro.

E levaram a Manu embora. Na boca da menina as palavras socorro socorro, toda arreventada. Agarrada aos prantos nos braços de um homem catástrofe, os olhos duas lanças, que não disse o nome, só gritou vou levar para longe porque tu tá em risco. Mas, homem, o abrigo dela é aqui, comigo, a tia, a mãe, Antônio, sou eu.

Ela chama por mim, eles disseram, a voz escondida numa casa que eu não sou mais.

*Tu é o quê dela, seu Antônio?*

*Sou tia da Manu, sou mãe da Manu, sou a família dela.*

Eles dizem, sempre disseram, e ainda dizem que a Manu vai ficar bem, seu Antônio. É Sthefany. Tá certo, seu Antônio. É Sthefany. Tá bom, Antônio. É o jeito que eles encontraram de me por no meu lugar; meu lugar no corpo escondido na rua. Explico que a casa é minha e a Manu morava lá, mora lá, comigo, e tem as outras meninas todas, a Kelly, a Jennifer, a Patrícia, é que elas moram coisa rápida não dá nem tempo do café esfriar. Explico que a Manu as chama de tias, só a Louise que ela chama de vó porque essa, coitada, jogou pedra na cruz de tão ancestral. Tento ensinar umas mímicas aos meus gestos, copiar a lembrança dos músculos e movimentos interrompidos do Antônio que fui, impossível.

*O senhor é o quê da menina?*

*Sou mãe da Manu, sou a casa que ela tem.*

Era destrancar a roupa da Manu no varal que ela começava a pedir tudo novo. Isso antes de ela ir embora. Isso depois da morte da Marta, depois de repetirmos a rotina da falta todo dia e noite. Saio de casa toda lembrada dos jeitos de crescer da Manu longe de mim, e as meninas ficam chorando fanhas e lapidadas nos gritos de saudade Procura a justiça e taca um processo. Como Sthefany ou como Antônio?

*O senhor é o quê da menina?*

*Tu não me chama de Sthefany por quê?*

*É o tio dela?*

Não conto mais quantos cigarros cozinhei entre os dedos e quando os homens vêm mastigar de propósito a insatisfação marital cobro mais caro, dou meu sangue. Pra quê, eles gemem; minha filha, moço, minha sobrinha, oito anos, preciso levá-la para casa de vez, parece uma vida e logo vai ser uma vida. Eles sacodem os corpos suados

uma, duas, três, quatro, vinte vezes, mil reais. Junto tudo na dobra da saia, que na bolsa é batom, cartão da loteria, o celular e uma fotografia da Manu.

Em casa, eu abria a fechadura de todos os cheiros da Manu agarrada a uma roupinha que empacotou seus anos até o quinto, antes do sumiço da Marta, bem antes da Manu morar fora de mim.

E agora nunca mais a Manu.